

Acaso em Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.7 abril 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: “Paisagem Incidental”, manchas Corroídas em alumínio com intervenções em grafite. Isaac, 2020.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

O que é Acaso?

Do latim *a casu*, ou seja, sem causa. Uma ocorrência aleatória, fortuita, eventual, imprevista e de resultados incertos. Algo indeterminado sem razão ou motivação anterior e por isto não previsível. Por não ser algo predeterminado, não opera por meio da lógica, em geral não há relação previsível entre causa e consequência, portanto, estes dois momentos não se interligam mutuamente. Embora a causa possa ser identificada, nem sempre, as consequências são previsíveis. Ai reside a vantagem do acaso em Arte Visual: a imprevisibilidade.

O Acaso, aqui apontado, se refere justamente às ocorrências que geram resultados imprevistos. Em Arte Visual é comum chamar de acaso o que, embora não seja previsto serve ou funciona como estímulo para desenvolver processos criativos ou como base para o surgimento de Estratégias para Criação. Tais ocorrências podem ou não serem provocadas, contudo há sempre uma boa dose de aleatório e fortuito que não pode ser totalmente controlado. Neste caso, o Acaso, se torna um elemento importante no processo criativo e de criação das Obras de Arte Visual.

Levar ao “pé da letra” a ideia de Acaso, não faz sentido na criação artística, pois por mais aleatório que pareça, o Acaso, neste caso, não é Acaso e sim uma Estratégia Criativa usada em Arte para buscar e/ou encontrar soluções inusitadas, novas, interessantes, mesmo que, imprevisíveis, mas dissociadas de um projeto poético. O processo de criação é um ir e vir de ações, intervenções com doses alteradas ou alternadas de Acaso, mas não o completo e imprevisível Acaso, mas acaso “semi-controlado”. Estas premissas são importantes as reflexões aqui realizadas.

Como sempre, o ponto de vista que tomo, se baseia em observações, conhecimento e na construção de proposições estético-conceituais com vistas a clarear ou estimular o pensamento e o conhecimento *sobre e em Arte Visual*. Portanto, a análise comparativa, dialógica, é o percurso de reflexão que uso para construir estes textos e se, por acaso, a leitura estimule o interesse de alguém ao debate, fico contente em compartilhar e trazer tais ideias e conceitos para estabelecer um diálogo dentro deste campo de conhecimento...

O Acaso em Arte Visual.

Muito do que se fala em Arte Visual se baseia nas concepções que surgiram com a Arte Moderna. Só para aquecer o pensamento: o advento do Modernismo surge a partir da ruptura entre a visão tradicional, clássica e acadêmica com as proposições artísticas relacionadas às investigações de caráter estético/expressivas e experimentais decorrentes do que se convencionou chamar de Vanguardas Artísticas: as manifestações que surgiram na Europa e principalmente na França a partir do final do século XIX e que se expandiram e consolidaram no século XX.

Tais vanguardas rompiam com o modelo ou gosto reinante instaurado a partir das academias do Renascimento e consolidado com as Escolas de Belas Artes francesas. Tais escolas defendiam um projeto pedagógico hegemônico em que fazer e pensar Arte assimilava o gosto e interesse dos detentores do poder econômico e cultural. A dissidência entre duas visões: A tradicional e a inovadora, cria uma ruptura possibilitando o surgimento de novos processos criativos e poéticos onde o experimentalismo e expressividade marcam os novos processos criativos.

De modo geral, a Arte Moderna não se afasta ou nega a estrutura objetual das Obras de Arte Visual, são ainda corpóreas e as questões da fatura e concepções estético/poéticas residem nas Obras e em suas estruturas físicas, materiais e objetuais. As temáticas tradicionais baseadas nos mitos, alegorias, históricas ou religiosas, narrativas, acontecimentos, ou seja, em modos descritivos e imagéticos de relatar, imaginar ou contar coisas são quase que totalmente destituídas das Obras Modernas. A personalização, a experiência, a exploração de conceitos, materiais, plásticos e proposições “atemáticas” passam a vigorar...

Na Arte Moderna as problematizações artísticas não se limitam a interpretar ou personalizar fatos, eventos, mitos, heróis ou personalidades poderosas, mas a enfrentar os processos criativos em sua essência constitutiva, material, física, estrutural, plástica e... Conceitual. A expressão não se dá pela interpretação cenográfica de uma cena religiosa, bélica ou alegórica mas sim pela exploração estética e poética do processo de realização e criação artística. São estas diferenças que marcam um e outro momento. Sem refletir a respeito disto, não é possível estender ou expandir o conhecimento sobre o Acaso...

Não se pode dizer que a visão da Arte clássica acadêmica e tradicional investisse no Acaso. Nada era ao acaso, mas baseado em projetos precisos, em domínios técnicos e conceituais orientados pela formação rígida para o domínio de habilidades cognitivas e psicomotoras capazes de criar imagens ilusionísticas convincentes, empolgantes e eficientes, o acaso seria um erro. Ao contrário, o Modernismo investe na experiência, exploração de materiais e procedimentos, inclusive na negação dos processos e procedimentos técnicos tradicionais, o acaso é uma possibilidade potencial.

Então, para a Arte Moderna, o Acaso, enquanto procedimento espontâneo, intuitivo, imponderável acaba sendo aceito ou entendido como mais uma possibilidade viável para o desenvolvimento de novas e potenciais experiências expressivas. Nesse sentido, quero reforçar que o Acaso, como já disse, não é completamente o inesperado ou um acidente de percurso incorrigível, mas um recurso criativo e/ou criador que oferece visões alternativas e diferenciadas rompendo com a linearidade da lógica discursiva ou expressiva adotada como princípio, meio e fim.

Mesmo que durante o processo ou procedimentos adotados por um artista em seu fazer, ocorram eventos ou acontecimentos aleatórios: um traço ou corte que sai do controle, uma gota de tinta que, inadvertidamente, ocorre num processo de elaboração de uma obra podem ser simplesmente descartadas, retocadas, rejeitadas ou aceitas, tratadas ou trabalhadas para serem incorporadas como elementos da obra, independente de terem sido ou não previstas ou projetadas para tanto. Nesse sentido é que o Acaso entra nos processos criativos a partir do Modernismo: um elemento a mais, mas não determinante *a priori*.

Explorar recursos plástico/visuais que surgem de procedimentos técnicos ou expressivos são tão importantes para a Arte Moderna quanto foram as interpretações temáticas para a Arte Tradicional. Os efeitos obtidos pelas texturas das pinceladas, a direção dos gestos na construção da grafia ou pintura. Os cortes e rupturas obtidas sobre a pedra, a madeira ou mesmo a apropriação de materiais e formas encontrados ao redor, passaram a fazer parte do processo criativo assim como a própria concepção de Obra de Arte.

Acontecimentos aleatórios são avaliados como potenciais expressivos e não como erros. O acionamento acidental de uma câmera fotográfica, por exemplo, pode produzir uma ou mais imagens passíveis de serem aproveitadas na construção de sentido mesmo que, originariamente, não pensadas dentro do processo. O que se pretende evidenciar é que *Acaso Absoluto*, nem sempre é um elemento eficiente no processo criativo, mas sim o *Acaso Avaliado*, ou seja, ocorrências que podem ser aceitas e incorporadas ao processo sem que quebrem ou desestabilizem o percurso criativo como tal.

Nesse sentido o que poderia ser aleatório e casual se torna um elemento expressivo e significativo para a realização de uma Obra de Arte “processual”. Pode, até mesmo, se tornar uma Estratégia Criativa relevante para alguns artistas e movimentos. É o caso do Informalismo, tendência estética que surgiu no século XX, por volta da década de 60-70 e que dá frutos até hoje. Nesse contexto as manifestações artísticas contam com alta dose de aleatoriedade, mas ao mesmo tempo requerem um certo controle ao avaliar o resultado final, aceitando-o ou não.

A realização de trabalhos em que a questão do Acaso entra como um elemento conceutivo, propositivo e construtivo requer a incorporação de uma certa “*Performatividade*”.

As *Performances* entraram para o campo da Arte Visual quando os artistas passaram a incorporar os procedimentos do fazer, o processo/desempenho executivo como um elemento expressivo e não apenas como o meio para chegar a um fim. A *Performance*, como atuação é, ela mesma, a obra. Embora o que resulta dela seja um resíduo. Esse “resíduo” pode ou não ser outra Obra.

Embora a questão da Performance tenha entrado na Arte Visual bem depois da questão do Acaso, pode-se pensar que a ocorrência desse fator performativo tenha sido uma espécie de precursor da Performance como uma Estratégia de Criação. O que importa entender é que nos processos em que os elementos casuais, espontâneos e aleatórios acontecem, por conta de ações e atos construtivos e constitutivos, poderão ou não ser mantidos ou incorporados ao resultado final do percurso criativo, é isto que chamei de Acaso Avaliado.

O *Informalismo*, é uma tendência ou corrente estética que surge pós-segunda Guerra, a partir de atos espontâneos, ou seja, pouco previsíveis, como processo criativo. A Abstração Lírica, a Pintura matérica, a Nova Escola de Paris, o Tachismo, Grafismo, o Espacialismo, entre outras tendências possibilitaram ao crítico da arte francês Michel Tapié cunhar o termo, em 1952, *art autre* (arte outra), sobre a arte abstrata não geométrica. Tal constatação surgiu da constatação de que novas atitudes criativas surgiram em contraposição aos processos tradicionais.

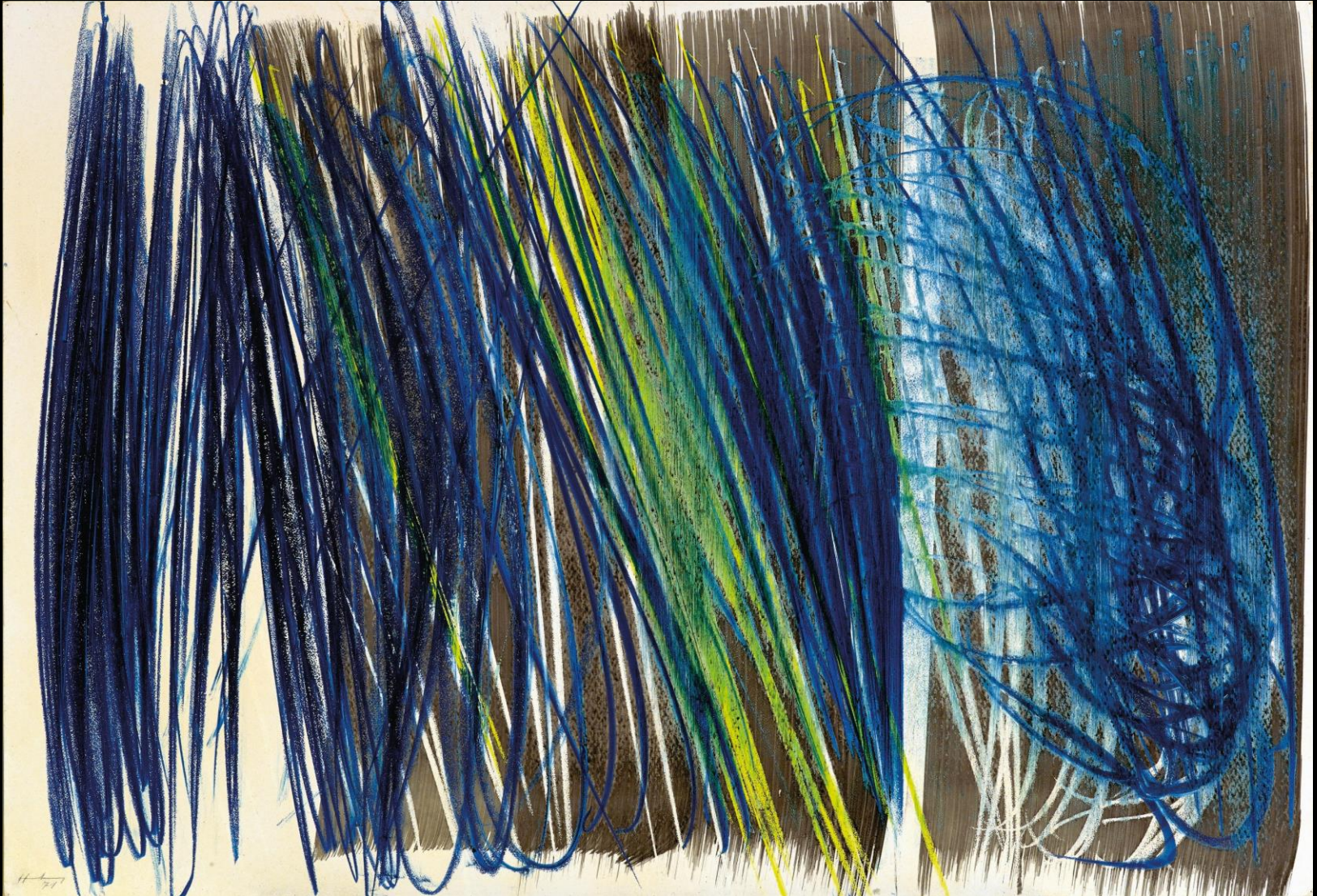
A espontaneidade do gesto, o automatismo, o emprego expressivo da matéria, inexistência de ideias preconcebidas, a experiência do processo de realização é que estimula o desenvolvimento do trabalho: fazer faz fazer... O processo de realização da obra é o lugar privilegiado e o momento em que o artista, enquanto performer descobre o caminho e a si mesmo: criador e criatura em sintonia no processo criativo. Artistas com Georges Mathieu, Laurent Jiménez-Balaguer, Hans Hartung e Pierre Soulages, entre outros, vão definir essa tendência na Europa.



Fantasmas Vermelhos, 1990, Georges Mathieu.



Sem Título, 1960, Laurent Jimenez-Balaguer.



P 1971-129, 1971, Hans Hartung.



Brou de noix, 1946, Pierre Soulages.

Nos Estados Unidos o crescimento do Expressionismo Abstrato origina duas tendências, a *Action Painting* ou também *Gestualismo* ou *Pintura Gestual*, nomeada pelo crítico Harold Rosenberg, em 1952, que vai identificar essa conduta nas obras de Jackson Pollock, Willem De Kooning e Franz Kline.

A *Pintura dos Campos de Cor* ou Campos Cromáticos com autores como Barnett Newman e Mark Rothko, também se mostra como um procedimento que recorre, em parte, ao aleatório, o acaso, como processo expressivo.

No Brasil vamos encontrar artistas como: Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Iberê Camargo e Fayga Ostrower que mostram certa influência do tachismo ou ao abstracionismo lírico.

Seguindo a linha dessas “performances” poéticas em Arte Visual, é necessário entender que tais obras partem de ações mais ou menos aleatórias e, durante o processo, as intervenções dos artistas na condução do processo levam aos resultados finais. Nem sempre a primeira mancha, a primeira imagem é a que permanece até o fim...



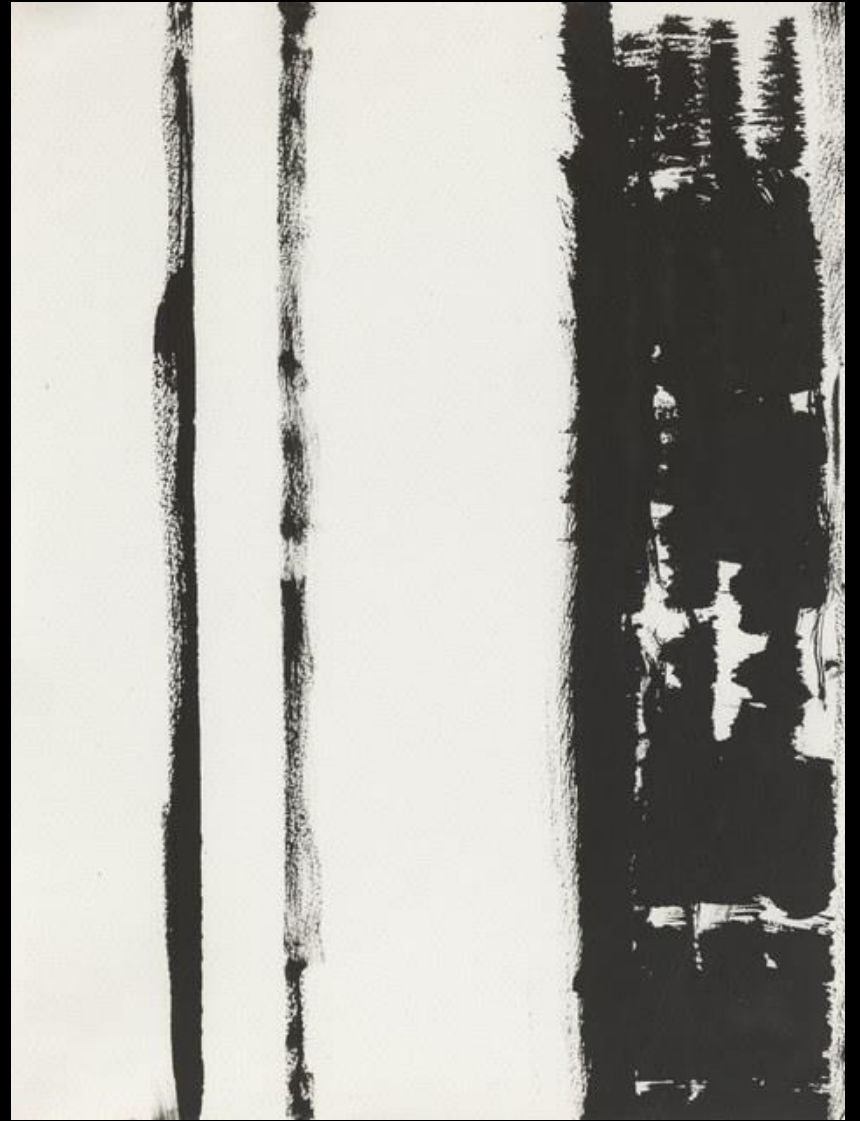
Número 8, 1949, Jackson Pollock.



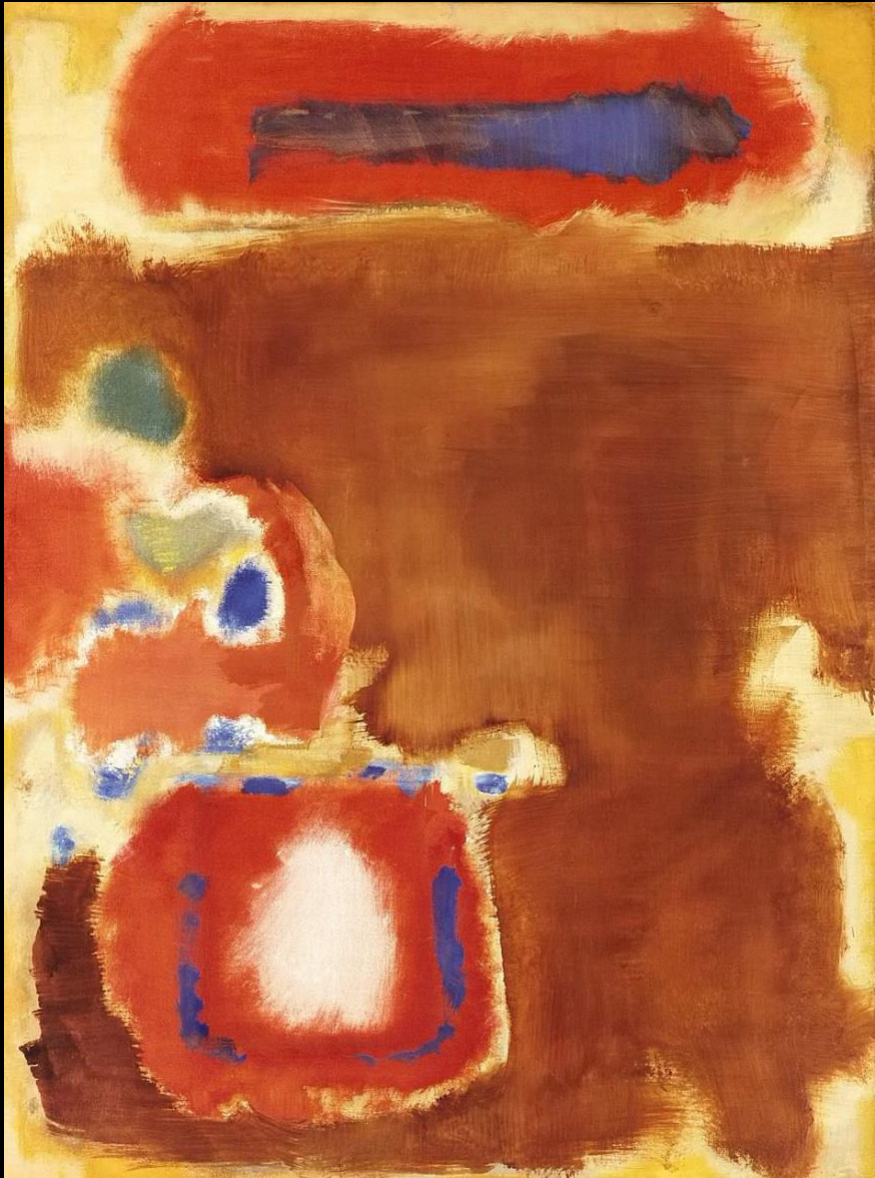
Sem Título 13, 1977, Willem De Kooning.



Parede Laranja e Preto, 1969, Franz Kline.



Barnet Newman.



Sem Título, 1947, Mark Rothko



Sem Título, 1972, Manabu Mabe.



Pinturas Cegas, 1968, Tomie Othake.



Sem Título, 1965, Iberê Camargo.

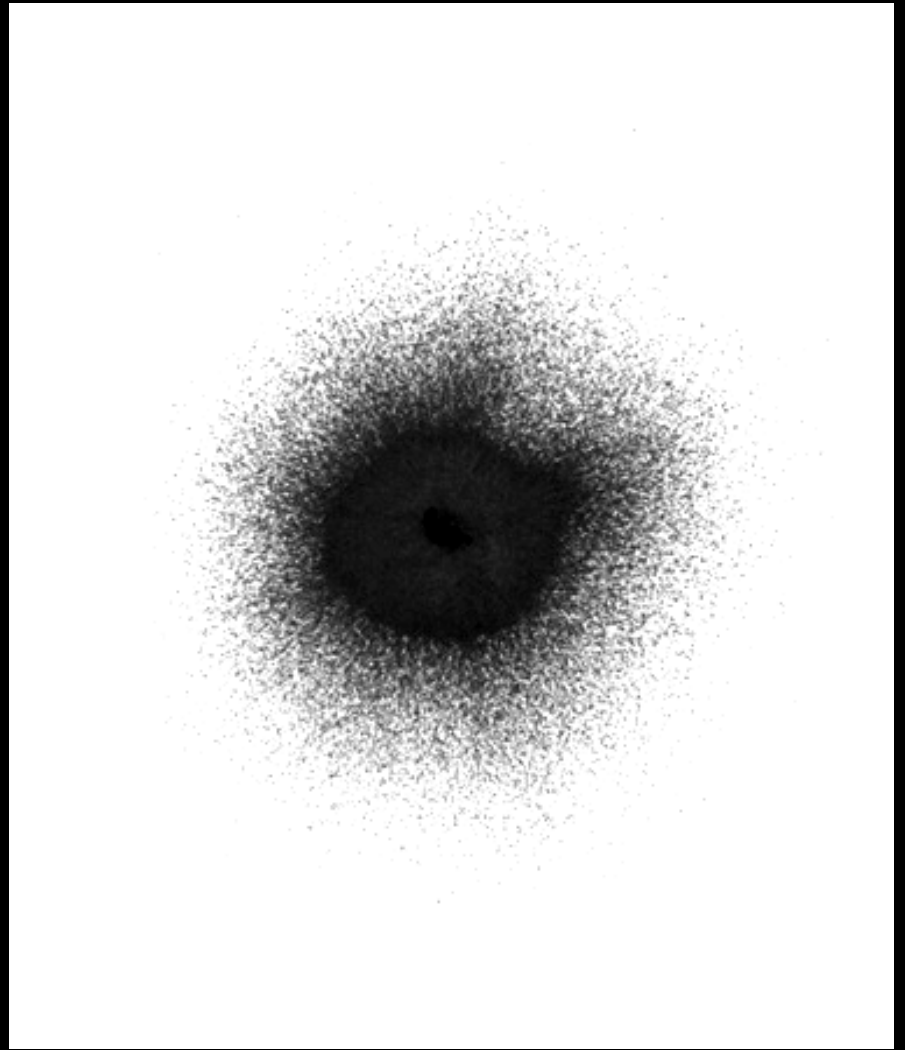


11/100

OSTROWER

Litografia, 1981, Fayga Ostrower

Destaco obras/performáticas do artista contemporâneo Takesada Matsutani (1936). Suas proposições são tanto performáticas quanto auto performáticas. Ora ele mesmo desenvolve ações, aparelhos ou circunstâncias que criam imagens ou situações e montagens nas quais as imagens surgem como resultado de uma “ação automatizada”. Este tipo de comportamento pode ser referenciado ao que fazia Jackson Pollock e outros artistas gestuais ou processuais, só que, neste caso, o resultado não está na mão do artista, mas do acaso.



Mancha Número 3, 2000.

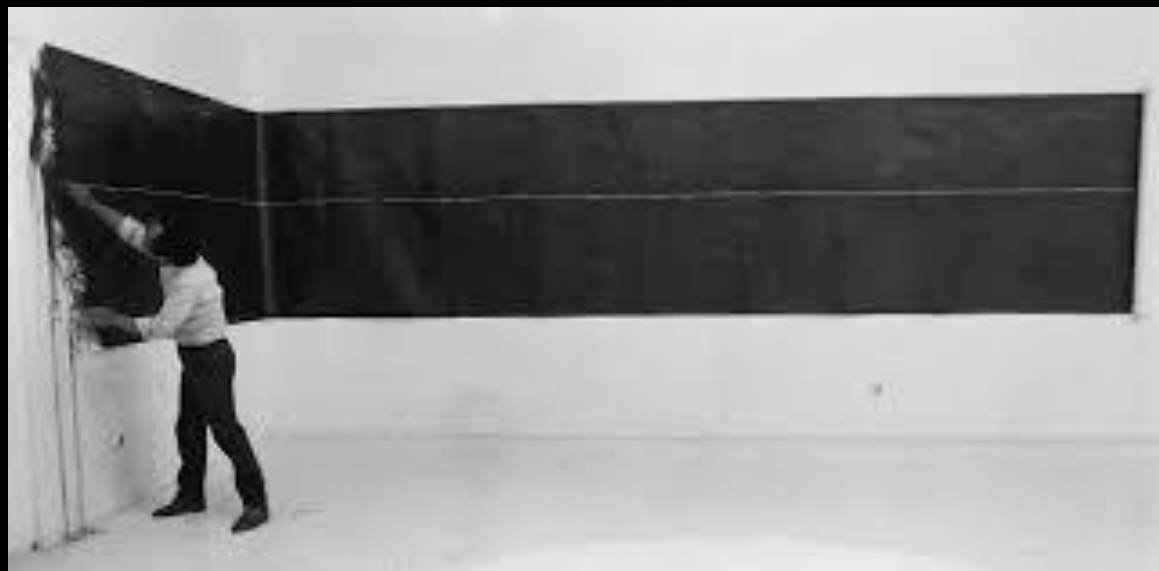
É possível dizer que Matsutani desenvolve um processo criativo que poderia ser chamado contraditoriamente de “Acaso Programado”. Ele concebe e monta estruturas e circunstâncias em que os resultados obtidos não são previsíveis, embora induzidos.



Drop in Time, 2019, Matsutani.



Com Matsutani, a performance se torna objeto



Acredito que tenha demonstrado que o Acaso em Arte Visual não é puramente Acaso, mas um recurso, estratégia ou modo de fazer orientado pelas proposições artísticas cujos resultados não são totalmente previsíveis. Pode-se recorrer a processos aleatórios, gestuais, performáticos que sirvam de início ou estímulo aos trabalhos, mas não significa que basta o *Acaso*. Embora o Acaso possa fazer parte das poéticas processuais não significa que impossível que certas obras possam ser realizadas a partir de projetos mais específicos e detalhados, inclusive, com elementos casuísticos.

Embora o fator aleatório seja um recurso que faz parte de processos criativos, não é o processo em si. Isto é o que exploro nas “Paisagens Incidentais”, exemplificada na capa desta edição. A riqueza da criação artística se encontra em muitas propostas e caminhos, desde os primeiros tempos da humanidade foi possível desenvolver processos criativos, dentro ou fora da Arte e graças à Modernidade foi possível explorar novas possibilidades expressivas, ampliar o campo das pesquisas e do conhecimento *sobre e em Arte*.

O universo criativo é imenso e rico. Acredito que no campo da Arte Visual atual não exista um dia igual ao outro, uma criação igual à outra. Alguém que cria algo nunca o fará igual a outra pessoa, tudo tende a ser original e único na medida em que cada ser humano também é único e cabe a cada um identificar sua voz, sua fala, seu modo de dizer e expressar. A visão imitativa e reprodutiva que dominou a Arte por muito tempo foi superada e agora não é mais relevante se alguém tem mais ou menos habilidade ou domínio técnico e sim se é capaz de criar suas próprias estratégias e proposições.

O foco está na capacidade criadora e não nas habilidades reprodutivas.

Não quero dizer com isto que as manifestações de base tradicional sejam menos importantes do que as inovadoras, apenas que no universo da Arte todas elas tem o seu tempo e seu lugar, são sincrônicas, ao corresponderem ao seu tempo ou anacrônicas por estarem fora dele. Contudo todas são passíveis de análise e conhecimento. Por isto insisto sempre em dizer que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma...